

Papel brasileiro tem hoje só 65% do valor original

BRASÍLIA — Os papéis da dívida externa brasileira valiam 76 por cento de seu valor nominal em 1986, caindo para 65 por cento, nível em que se encontram atualmente, a partir da declaração de moratória do Governo brasileiro no último dia 20 de fevereiro. No caso da dívida externa mexicana, os papéis valem no mercado financeiro internacional 61 por cento, nível idêntico aos papéis argentinos, superados pelo valor de 70 por cento registrado para a dívida do Chile.

A média desses números dos principais devedores do mundo e mais dos endividados de menor porte é que determinaram a decisão do Citibank de reconhecer o valor efetivo de mercado de seus créditos a esses Países, provisionando recursos de US\$ 3 bilhões equivalentes ao deságio dos papéis. A decisão não significa, en-

tretanto, como explicaram técnicos do Governo, que o Brasil passou a dever menos ao Citibank, pois a dívida do País continua registrada no banco pelo seu valor nominal.

O Citibank, apesar de ser o maior credor brasileiro, não é o que apresenta maior nível de "exposure" nos seus créditos aos países endividados, definidos pela relação desses créditos com o capital social, que, no caso do City, é de 130 por cento. Dos grandes credores brasileiros, o Manufacturers Hanover é o que apresenta o índice mais alto de "exposure" — 183 por cento — e, portanto, considerado o mais vulnerável do Citibank. O índice do Bank of America é de 162 por cento; do Chase Manhattan é de 151 por cento e do Bankers Trust chega a 112 por cento.